

Sob os signos do poder: a cultura objetificada das joias de crioulas afro-brasileiras*

Amanda Gatinho Teixeira¹

Resumo: As joias sempre estiveram presentes desde os tempos mais remotos nas civilizações. E durante o Período Colonial Brasileiro foram confeccionadas as emblemáticas “jóias de crioulas afro-brasileiras” que representam mais que simples objetos de joalheria, pois se tornaram documentos que testemunham dinâmicas de poder, negociação e subversão ao quebrarem a ordem do poder vigente. Significando também a manutenção da cultura, preservação da autoestima das usuárias; conquista de liberdade; além de ser uma possibilidade de retomada de suas raízes étnicas. Essas joias são representativas para a nossa identidade cultural, por constituir um testemunho de nossa história, que com o passar do tempo e com uma pretensa massificação, receberam o conceito de símbolo do “Brasil Negro”. Entretanto, as simbologias peculiares de cada uma dessas joias, se perderam, chegando ao universo contemporâneo como “crendices populares” aniquilando suas amplas funções místico-religiosas, entre outras.

Palavras-Chave: Período Colonial Brasileiro; “Jóias de crioulas afro-brasileiras”; Híbridação.

Abstract: The jewels have always been present since ancient times of civilizations. And during the Brazilian Colonial Period made the iconic "jewelry of the Brazilian Crioula" representing more than simple objects of jewelry, they have become documents that witness power dynamics, negotiation and subversion order to break the power. Meaning also the maintenance of culture, preservation of self-esteem of users; conquest of freedom, besides being a possible resumption of their ethnic roots. These jewels are representative of our cultural identity, this would be a testimony of our history, which over time and with an alleged mass, received the symbol of the concept of "Black Brazil." However, the peculiar symbolism of each of these jewels were lost, reaching the contemporary universe as "popular beliefs" annihilating their vast mystical-religious functions, among others.

Keywords: Brazilian Colonial Period; "Jewelry of the Brazilian Crioula"; Hybridization.

Ao longo de uma história de mais de cinco séculos a cultura brasileira é assinalada pela contribuição de diversos segmentos étnicos, em que podemos destacar as contribuições ibéricas e africanas que originaram um conjunto de saberes, práticas, técnicas e crenças, que se fundiram as práticas indígenas locais, resultando novas manifestações que enriqueceram nosso patrimônio histórico.

* Artigo submetido em 09 de abril de 2013 e aprovado em 16 de julho de 2013.

¹ Estudante de pós-graduação em Design, Computação gráfica e Multimídia – IESAM. E-mail: agteixeira10@gmail.com

Durante o Período Colonial Brasileiro a sociedade elitista e escravista retirou “[...] qualquer dignidade que pudessem ter as mulheres negras e suas descendentes, por mais que apresentassem bens, que trouxessem nas suas atividades e na cor da pele os elementos estigmatizantes de classificação social” (FARIA, 2000:92).

Estas mulheres que aqui chegaram pelo tráfico negreiro, mesmo diante de privações de toda ordem conseguiram materializar e fazer circular símbolos que expressavam resistência ao regime a que eram submetidas ao trazerem consigo suas culturas e seus saberes artesanais, que foram gradualmente mesclados e absorvidos, possibilitando a criação de peças icônicas de joalheria. As chamadas “jóias de crioulas afro-brasileiras”², que possuem características étnicas, resultantes da sincretização dos padrões africanos com influência islâmica e europeia.

Estes adornos diferem das joias usadas pelas senhoras brancas quanto à dimensão, ao peso, a qualidade do material, ao formato e a decoração, pois são joias de grandes proporções, embora geralmente sejam ocas, além de serem profusamente decoradas e usadas em quantidade pelas suas portadoras (Fig.1). Podemos destacá-las como uma das diversas formas de subversão, haja vista que a rebeldia dos escravizados não se estabeleceu exclusivamente de grandes atos coletivos, mas também de pequenas e cotidianas resistências.



² Ressalto que nesta pesquisa o termo “jóias de crioulas afro-brasileiras” são peças confeccionadas nos séculos XVIII e XIX no qual consistem em uma coleção de peças compostos por: colares, braceletes, pulseiras, brincos, anéis, penca de balangandãs entre outros objetos de adorno corporal direcionado exclusivamente para as mulheres africanas, mulatas ou crioulas no Brasil, sob a condição de escravizadas, alforriadas ou libertas. Este conceito está embasado de acordo com os estudos do antropólogo Raul Lody além de respeitar a antiga grafia .

Figura 1: Florinda Anna do Nascimento, escrava conhecida como Preta Folô, exhibe a majestade de suas inúmeras joias. Instituto Feminino da Bahia, Museu do Traje e do Têxtil, Salvador. Fonte: CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Jóias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, p.40

Embora a sociedade do Brasil Colônia fosse hierárquica, apresentava certa mobilidade social, e os grupos tidos como “marginalizados” foram peças fundamentais no panorama desta. Um desses grupos que desempenhavam as mais diversas funções no espaço urbano, principalmente no comércio ambulante, foram os chamados negros de *ganho*³. As atividades que eles exerciam geralmente eram revestidas em lucro para seus senhores que recebiam os *ganhos* por dia de atividade pública, que se dava geralmente em praças (Fig.2) que ainda assim,

era alvo de um intenso controle social, que quase sempre ficava a cargo da instituição das Câmaras Municipais, no caso das mulheres que trabalhavam se locomovendo pelas ruas das vilas e cidades, ou a cargo mesmo dos senhores e patrões, quando os ofícios eram exercidos dentro das casas (SILVA,2010:96).

E com o restante dos valores adquiridos muitas delas acumulavam pecúlio a fim de comprar sua alforria. Como explica Lody,

O ganho das comidas – mingau, pirão de milho, carimã, inhame, uns com carne, outros doces e servidos para uma clientela de pardos, negros e brancos do populacho – sempre foi serviço de mulher; mulher que exibia nas suas roupas alguns distintivos próprios da sua condição de mercadora de alimentos. Assim, pelos registros iconográficos de alguns documentalistas, vêem-se, além dos diferentes tipos de turbantes, batas, saias, esscarificações nos rostos, as posturas, as bancas e os produtos da venda e ‘objetos mágicos’, uns de cunho propiciatório, outros invocativos e próprios das atividades desempenhadas nas ruas, buscando proteção, lucro material e outras benesses (LODY, 2001: 43-44).

³ “Trabalho, serviço, atividade com remuneração, comum no Brasil do século XIX, sendo exercida quase que exclusivamente por negros. Assim, ocorriam as vendas de comidas, bebidas, animais, objetos artesanais, além de ofícios como barbeiros, alfaiates, e carregadores de mercadorias e pessoas” (LODY, 2001:19).



Figura 2: Negra de tabuleiro, vendedora de frutas no Rio de Janeiro. Depois de pagar o *ganho* do dia ao senhor, ela podia ficar com o restante, permitindo que juntasse o suficiente para as joias, e mais tarde, a alforria. Fonte: CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Jóias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, p.160.

A posse dessas joias representava para essas mulheres um indicativo de prosperidade, clientela numerosa e, portanto, sinal de que a ganhadeira vendia produtos de qualidade.

Assim, pesquisas afirmam que depois dos homens brancos, estas mulheres, compunham o grupo mais rico desta sociedade, pois depois destes, elas eram as que mais redigiam testamentos, como podemos observar na análise de Mott,

Maria da Costa foi contemporânea e vizinha de Maria do O, pois também morou em São Caetano, aí registrando seu testamento em 1745. Era da nação Ardra (Porto Novo), solteira, tendo comprado sua alforria por 190 oitavas de ouro. Em vez de imóveis, esta daomeana investiu primeiro em escravos: possuía nove cativos em idade economicamente ativa, com menos de 30 anos. Depois, aplicou seu capital em jóias [sic] de ouro. A vaidade ostentatória destas “Vênus de ébano” escandalizava os moralistas: o jesuíta italiano Giovanni Antônio Andreoni (Antonil) já em 1711 denunciava os “excessivos gastos em cordões, argolas e outros brincos, dos quais se vêem hoje carregadas as mulatas de mal viver e as negras, muito mais que as senhoras”. Maria da Costa parece ter servido de inspiração para tal comentário, pois em seu testamento declarou possuir os seguintes enfeites, todos em ouro: dois enormes cordões de pescoço, uma cruz, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, um Menino Jesus, um Espírito Santo, quatro pares de brincos, um anel de filigrana, seis pares de botões, vários braceletes e corais, perfazendo tudo mais de 600 gramas de ouro puro. Era mulher requintada também no vestir: mau grado o calor tropical da

Em Tempo de Histórias

Comarca de Vila Rica, e a proibição real de que as negras usassem tecidos de gala, tinha uma grossa saia preta e um conjunto azul claro; tudo em precioso veludo, provavelmente importado de Flandres. Como liberta, adquirira o privilégio de andar calçada: trazia um par de fivelas de prata em seu sapato. Sua residência de telhas em São Caetano devia ser das casas de pasto mais sofisticadas da vila: seu serviço de mesa incluía sete colheres e um garfo de prata, seis pratos de estanho, além de tachos de cobre, bacia de arame e demais trastes de casa. Suas roupas de cama e mesa eram o que de melhor existia na praça: quatro lençóis de linho, seis toalhas de renda, tudo conservado em rico baú de moscôvia (MOTT, s/d: 121-122).

Apesar das adversidades e dos diversos preconceitos que sofriam os testamentos e inventários mostram que estas mulheres sobrepujaram as barreiras e, mesmo mantendo os estigmas, andavam adornadas de joias e roupas de sedas, chocando e burlando a ordem vigente (Fig.3). Assim, essas mulheres, descendentes dos nagô-iorubas, passaram por um processo de reconstrução identitária, devido à perda de elementos de sua identidade e da imposição de novos. E através das vestimentas e das joias utilizadas pelas crioulas⁴ se deu a materialização de auto preservação das mesmas, constituindo-se em um signo de poder social:

Sinais exteriores da posição social dos indivíduos como vestuário e jóias [sic] tinham importante papel na hierarquizada sociedade brasileira do século XIX. Neste contexto a indumentária deve ser vista como importante elemento simbólico ao evidenciar as diferenças existentes entre os grupos sociais, tornando visível a hierarquia social. Além de definidora de identidades, a moda permitia a visualização sistemática de significados relacionados a valores e padrões de comportamento. A observação e análise de roupas e ornamentos facilitam a compreensão acerca das relações de poder existentes entre pobres e ricos, negros e brancos, escravos e libertos, bem como entre homens e mulheres (BITTENCOURT, 2005: 25).

⁴ Segundo Reis “A população da cidade dividia-se, segundo sua origem, em brasileiros, africanos e europeus. [...] Mas havia também diferentes cores entre os nascidos no Brasil: o negro, que se chamava crioulo; o cabra, mestiço de mulato com crioulo; o mulato, também chamado pardo; e o branco” (REIS, 2003: 23). Portanto, crioulas são as negras nascidas no Brasil.



Figura 3: Mulher adornada com diversos exemplares de joias de crioulas.
Fonte: FACTUM, Ana Beatriz Simon. *Joalheria escrava baiana: a construção histórica do design de jóias brasileiro*. 355f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, Design e Arquitetura, São Paulo, 2009, p.301.

Nesta sociedade hierarquizada, a moda representava um dos meios de distinção, em que o uso de determinados signos sociais, incorporavam símbolos responsáveis por identificar funções e de assinalar as distâncias sociais entre os indivíduos da sociedade que era praticamente analfabeta, criando assim, uma comunicação não verbal, em que o prazer de exhibir-se ao olhar do outro era imprescindível em todas as camadas sociais.

A ostentação no trajar era tamanha que em 1636, foi estabelecida uma portaria real em que limitava o luxo na vestimenta das escravizadas, como descreve Verger:

El-Rei, tendo tomado conhecimento do luxo exagerado que as escravas do Estado do Brasil mostram no seu modo de vestir, e a fim de evitar este abuso e o mau exemplo que poderia seguir-se-lhe, Sua Majestade dignou-se decidir que elas não poderiam usar vestidos de seda nem de tecido de cambraia ou de holanda, com ou sem rendas, nem enfeites de ouro e de prata sobre seus vestuários (VERGER, 1992: 103).

No entanto, essas leis não foram respeitadas, e os senhores portugueses encontravam mais um meio para demonstrar sua riqueza ao adornar suas escravas.

Quando, por exemplo, nas poucas vezes em que a senhora de família abastada saía às ruas, era acompanhada de suas escravas, vestidas de sedas

e enfeitadas de joias. Se as senhoras brancas desfilavam em um cortejo reluzente em que tilintavam ouro e pedras preciosas, as escravas eram adornadas com várias vezes o próprio valor de sua alforria, mostrando o status de seu senhor (CUNHA; MILZ, 2011: 152).

Porém, tais características não podem ser empregadas a todas as mulheres negras, haja vista que as mulheres que trabalhavam na lavoura e habitavam a senzala vestiam-se de forma menos opulenta se comparadas às mulheres que desempenhavam a função de mucamas⁵ e habitavam a casa grande ou eram libertas. Essas indumentárias possuíam significados diversos.

Na sua origem havia um duplo significado: para a usuária, uma resignificação de si mesma, diante do lugar social reservado a sua condição de escrava, e, para a classe dominante, uma afirmação explícita do lugar do 'Outro' que relega a mulher negra a um lugar social subordinado (FACTUM, 2009: 232).

Outra característica importante são os sistemas de créditos realizados a partir da doação de joias, nas irmandades de pretos e pardos, como a Irmandade da Boa Morte⁶ da cidade de Cachoeira, no estado da Bahia, que dentre as atividades que desenvolviam podemos destacar dentro do âmbito social a concessão de dotes e ajuda para a compra de cartas de alforria, que geralmente,

[...] havia três modos legais de um escravo comprovar seu estado de livre: a carta ou "papel de liberdade", assinada somente pelo senhor ou por outro, a seu rogo, algumas vezes registrada em cartório em livros de notas, outras somente como papel particular; o testamento ou codicilo; a pia batismal. Todas as formas, mesmo as particulares, valiam como comprovação da liberdade (FARIA, 2000: 66-67).

Quanto à confecção das "jóias de crioulas afro-brasileiras", sabe-se que a participação dos negros era proibida, entretanto,

É bem possível que tenham existido ourives especialistas na elaboração dessas jóias [sic] amuletos consumidos em larga escala. Vários desses ourives tinham aprendizes escravos e forros, alguns artesãos eram, eles próprios, ex-escravos e quase todos eram iniciados em cultos afro-

⁵ No Brasil e na África portuguesa, a mucama era a escrava ou criada negra, geralmente jovem, que vivia mais próxima dos senhores, ajudava nos serviços caseiros e acompanhava sua senhora em passeios; ama-de-leite dos filhos de seus senhores. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=mucama&stype=k>. Acesso em: 10 nov. 2012.

⁶ "Originada nos últimos anos do século XVIII, a Irmandade da Boa Morte - composta por mulheres negras de nação Keto e Gege e conhecidas como as Nagôs libertas da igreja da Barroquinha, logradouro localizado no seio da área central da cidade. Em suas obras destacam que esta confraria abrigava somente mulheres - organizadas pelos elos fraternos fomentados no cerne da lógica do movimento confraternal". (CORRÊA, 2008: 121)

brasileiros ou conheciam os signos e símbolos agregados às manifestações religiosas de escravos, forros e seus descendentes. Não foram poucos os africanos artífices do ouro que entraram escravizados e trabalharam em varias regiões da Colônia. O trabalho de todos eles possibilitou a injeção de valores culturais, de objetos e de material africanos e afro-brasileiros na ourivesaria colonial e facilitou, também, a apropriação de emblemas, representações e estéticas européias pela população negra e mestiça (PAIVA, 2001: 221-222).

Logo, estas joias podem ser consideradas um produto do hibridismo cultural. De acordo com Canclini, o conceito de hibridação consiste em “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2006: 19). Dessa forma, as “jóias de crioulas” eram compostas por artefatos híbridos na sua aparência, na mistura de heranças culturais variadas, nas técnicas de feitura além de não poderem ser denominadas como europeias ou africanas. Portanto, trata-se de adornos de difícil classificação estilística, com contribuições dos estilos barroco⁷, rococó⁸, neoclássico⁹, aliados a concepção formal africana, o que possibilita nomeá-las como joias afro-brasileiras.

“Jóias de Crioulas Afro-Brasileiras”

- **Bracelete Copo ou Punho:**

Os braceletes copos (Fig.4) são denominados assim devido à sua forma e tamanho. São compostos por duas ou quatro placas, unidas entre si por articulações. Cada placa é formada por uma chapa central de metal, geralmente em ouro, estampada ou com filigranas¹⁰. Os braceletes eram decorados com efígies masculinas e femininas, de feições africanas ou europeias, frequentemente eram retratos dos imperadores e imperatrizes. Sobre a sua base existem,

⁷ “A arte barroca (1600-1750) conseguiu casar a técnica avançada e o grande porte da Renascença com a emoção, a intensidade e a dramaticidade do Maneirismo, fazendo do estilo barroco o mais suntuoso e ornamentado na história da arte” (STRICKLAND, 2004: 46).

⁸ “O Rococó nasceu em Paris, coincidindo com o reinado de Luís XV (1723-74) [...] Até o final do século continuou a ornamentar luxuosos castelos e igrejas da Alemanha, da Áustria e da Europa Central. O nome rococó é derivado de *rocaille*, referente a conchas e seixos que ornamentam grotas e fontes, e surgiu como um estilo de decoração de interiores” (STRICKLAND, 2004: 64).

⁹ “Mais ou menos a partir de 1780 até 1820, a arte neoclássica refletiu [...] o austero Classicismo na pintura, na escultura, na arquitetura e no mobiliário constituiu uma clara reação contra o enfeitado estilo rococó” (STRICKLAND, 2004: 68).

¹⁰ “Espécie de renda de metal, feita de fios de ouro ou prata delicadamente soldados, com ou sem decoração em grânulos, compondo arabescos e outros motivos” (GOLA, 2008: 205).

Os elementos isolados que a compõe são todos europeus e barrocos: folhas de acanto, flores, volutas em filigranas, bolinhas (técnica do granulado¹¹), entretanto a excessiva repetição e o uso de outros elementos remetem ao estilo rococó. Além da efígie de uma mulher de perfil, típico da joalheria neoclássica [...] (FACTUM, 2009: 160-161).



Figura 4: Braceletes em ouro. Bahia, século XVIII. Dim.: 10,5 x 9,0 e 7,2 x 9,2. Fonte: SILVA, Simone Trindade Vicente da. *Jóias Crioulas*. São Paulo: Instituto Victor Brecheret, 2012, p. 23.

Ao analisarmos a peça, observamos que a concepção formal da pulseira possui matriz africana, apesar dos muitos elementos europeus.

- **Pulseira de placas:**

Estas pulseiras são formadas por várias placas retangulares decoradas com motivos fitomorfos ou efígies (Fig.5). Sua união se dá por fileiras de três ou mais cilindros no mesmo metal, vidro ou coral¹², que foram frequentemente utilizados na composição das “jóias de crioulas”, pois de acordo com Januário “O coral era a pedra de Oxum e quem a usava se sentia fortalecido com os seus poderes e ao mesmo tempo protegido de todas as forças contrárias a este deus” (JANUÁRIO, 2003: 5). O estilo neoclássico francês também está

¹¹ “Granulação de superfície, adicionando-se grânulos redondos de metal por fusão (costumeiramente não por solda) para criar relevo em linhas, padrões ou formas” (GOLA, 2008: 205).

¹² “O coral é um material orgânico marinho explorado no Mediterrâneo (Itália, Espanha, Argélia, Tunísia) e no Oceano Índico e foi trazido destas regiões pelos portugueses no século XV sendo comercializado em toda a Europa e no continente africano. Esta peça tornou-se cara e preciosa para os africanos que a ela atribuíram propriedades mágicas, místicas etc” (PAIVA, 2001: 224).

presente no que se refere em termos de culto à personalidade, onde era esculpida em baixo-relevo as efígies de D. Pedro I, D. Pedro II e D. João VI:

Na Bahia predominavam as pulseiras de ouro compostas de seções retangulares tendo ao centro efígies masculinas e femininas, retratos dos imperadores e imperatrizes. Por ocasião da menoridade de D. Pedro, eram comuns as pulseiras com efígies do imperador menino (Oliveira. apud FACTUM, 2009: 163).



Figura 5: Detalhe de pulseira de placa, em que as placas centrais, confeccionadas com ouro estampado, são unidas por alianças entrelaçadas. Fonte: CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Jóias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, p.76.

Portar as representações dos membros da família real do Brasil nas joias era o padrão da época, visto em todas as classes, incluindo as usuárias das “Jóias de Crioulas”, devido seu interesse de inserção social.

- **Colares:**

As contas¹³ foram peças importantes da ourivesaria baiana, sendo utilizadas em pulseiras e colares. Geralmente redondas essas joias podiam ser lisas ou confeitadas com filigranas e pequenos grãos de ouro, com formas e tamanhos variados. A sequência de contas formam pulseiras (Fig.6) e colares que possuíam tamanhos variados e eram usados como simples adorno ou de uso devocional.

¹³ “Conta é uma designação geral para tudo que é processado por enfiamento com a finalidade de ser um fio-de-contas” (LODY, 2001: 63).



Figura 6: Pulseira feita com contas confeitadas. Fonte: CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Jóias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, p.89.

O uso das contas pelas mulheres negras ou mestiças no Brasil possui a influência dos costumes das mulheres brancas brasileiras e/ou portuguesas.

Interligações existentes entre Portugal, África e Brasil através dessas jóias [sic] raras, exuberantes e de significado até hoje pouco conhecido. As jóias [sic] de crioulas baianas guardam semelhança com as jóias [sic] africanas akan, mas também com jóias [sic] populares portuguesas no Noroeste de Portugal e com jóias [sic] da Martinica (Godoy. apud FACTUM, 2009: 169-170).

Os correntões de contas confeitadas foram muito populares entre as crioulas. Chegavam a medir mais de um metro e meio de comprimento. Em alguns exemplares era comum pender da corrente uma peça de ouro, que podia ser uma figa, um coração, uma rosácea ou um crucifixo (Fig.7). Em outros correntões menores, as contas de ouro são associadas a cilindros de coral.



Figura 7: Correntão feito com contas confeitadas e pendente em forma de cruz de raios. Fonte: CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Jóias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, p.90.

O colar de alianças, grilhões ou correntões cachoeiranos, geralmente eram formados pelo encadeamento de elos em formato de alianças que podem ser lisas ou decoradas, que se entrelaçam. Alguns exemplares também trazem pendentes com símbolos católicos (Fig. 8).



Figura 8: Correntão de alianças lisas e decoradas com pendente de roseta, ambos em ouro. Fonte: CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Jóias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, p.104.

De acordo com a tradição “cada elo é originário de uma aliança portuguesa conquistada após uma noite de amor” (LODY, 2001: 51). O favor sexual envolvido na posse das joias pelas escravizadas remete ao fato de existirem outras atividades de *ganho* que não se relacionavam com a venda de objetos ou de alimentos e sim a prostituição.

A “disponibilidade” das mulheres “de cor” para cultivar relações com seus senhores era perturbadora para esta social patriarcal, pois conforme afirma Alves “É bom lembrar que uma parte importante das relações de poder entre senhores e escravos estava diretamente relacionada com desejo e prazer. Parece patente, por exemplo, que o sexo fazia parte das atividades desenvolvidas pelos escravos” (ALVES, 2010:11).

Dessa forma, estas mulheres eram naturalmente consideradas concubinas para seus senhores a fim de sua “satisfação própria” ou também como “mercadoria” em serviços de prostituição.

- **Brincos:**

Os brincos eram indispensáveis na composição da indumentária das crioulas e um dos mais tradicionais brincos são os do tipo “pitanga”, seu nome se dá pela semelhança de sua forma com a fruta. A forma mais comum é redonda, convexa, em coral lapidado em forma de pitanga (Fig.9). “Esses brincos eram de ouro ou prata, sempre com uma grande peça central frequentemente em ágata¹⁴, coral, conta de vidro ou metal” (CUNHA; MILZ, 2011: 113). Outros modelos possuíam as contas na sua composição,

[...] alguns seguindo modelos tradicionais afro-baianos, como barrilzinho - conta cilíndrica em torno de 2cm de comprimento e 1cm de diâmetro, com variantes, sendo geralmente uma firma rajada bicolor, uma firma africana, um coral verdadeiro, ente outras (LODY, 2001: 113).

¹⁴ “Quartzo lapídeo, duro, translucido e com franjas ou capas e diversas cores ou tonalidades. [...] Polidas, convertem-se em belas pedras semi-preciosas, muito utilizadas em joalheria” (GIL, 2006: 68).



Figura 9: Brinco com coral em lapidação pitanga. Fonte: CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Jóias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, p.112.

Outros modelos de contas para brincos são produzidos de louça ou vidro e na forma redonda, em uma única cor ou possuindo detalhes representando significados para sua portadora, sempre em uma correspondência imediata aos fios-de-contas¹⁵.

- **Anéis:**

Muitos dos anéis usados pelas crioulas apresentavam características da talha dourada barroca, (Fig.10) “tanto as jóias [sic] escravas baianas como as jóias [sic] populares portuguesas perseguiram o mimetismo com a decoração das igrejas de forma tão intensa que nos leva a conjecturar ser uma busca a sua consagração, talvez uma razão a mais para este perfil da arte barroca” (FACTUM, 2009: 174). Outros exemplares apresentam uma concepção híbrida em que a base do anel segue o estilo da talha dourada barroca e seu topo central é em metal oxidado e pedra branca, geralmente um diamante ou uma safira branca, característico da joia vitoriana.

¹⁵ “O fio-de-contas é emblema social e religioso que marca um compromisso ético e cultural entre o homem e o *santo*. É um objeto de uso cotidiano, público, situando o indivíduo na sociedade do terreiro. Há critérios que compõem os textos visuais dos fios-de-contas, proporcionando identificação de *santos*, papéis sociais, rituais de passagem – o *quelê* –, ou ainda fios-de-contas mais sofisticados que, além de identificar o indivíduo, sua atuação no terreiro, ainda identifica o tipo de Nação, ora por cor, ora por emblema [...]” (LODY, 2001: 59).



Figura 10: Anéis de crioulas com características da talha dourada barroca.
Fonte: SILVA, Simone Trindade Vicente da. *Jóias Crioulas*. São Paulo: Instituto Victor Brecheret, 2012, p. 26.

- **Penca de Balangandã:**

Dentre as peças de joalheria afro-brasileiras, as pencas de balangandãs (Fig.11) ocupam posição destacada, devido sua singularidade e por ser uma joia exclusivamente brasileira. Esta peça possui forte significado ritual religioso, eram confeccionados em metal, comumente em prata, que reúne pendants com formas variadas, como: búzios, moedas, figas, chaves, dentes de animais, representações de frutas, entre outros. Estes são agrupadas numa base denominada “nave”. Os elementos que compõe as pencas de balangandãs são reunidos em função de seus significados mágicos e rituais. São considerados amuletos que supostamente afastam “mau-olhado”, trazem sorte ou indicam “riqueza”. Seu nome imita o som que produziam quando eram agitadas pelos movimentos do corpo de quem as usava.

O molho de amuletos tem sua origem nos cultos religiosos africanos, e representa Ogum, o orixá dos que trabalham com o ferro. [...] Sua origem é incerta, mas acredita-se, que seja baiana, feitas por negros artesãos, escravos e forros. As pencas de balangandãs foram primeiramente identificadas nos trajes das negras de Salvador no século XVIII. É provável que seu uso tenha surgido da necessidade da negra de se proteger contra o “mau-olhado” ou como forma de evocar o lucro material ou agradecer uma benção (MAGTAZ, 2008: 116).



Figura 11: Penca de Balangandãs em prata, com 27 peças, corrente e chave. Fonte MAGTAZ, Mariana. *Joalheria Brasileira: do descobrimento ao século XX*. 1º Ed. São Paulo: Editora Mariana Magtaz, 2008, p.117.

Embora alguns estudiosos apontarem suas semelhanças com o *châtelaine*¹⁶ e com molhos de objetos usados por mulheres nômades na África islamizada, a penca de balangandãs também apresenta semelhanças estéticas com a ferramenta de Ogum (Fig.12).

A figura de Ogum é representada, tanto na África quanto no Brasil, por um molho (penca) de miniaturas de ferramentas para a luta e o trabalho, confeccionadas em ferro batido em número de sete, catorze ou vinte e um objetos reunidos num argolão ou noutra tipo de peça que o sustente. Esses molhos estão nos santuários, juntamente com louças de barro, entre outros objetos de culto feitos de ferro ou de madeira. Estão presentes na joalheria religiosa quando arranjadas em correntes de ferro usadas como distintivos nos colares de sacerdotes, iniciados de Ogum, ou mesmo por guerreiros (Lody. apud CUNHA; MILZ, 2011:121).

¹⁶ “O *châtelaine* era o molho de chaves preso à cintura das donas de casas francesas, que se tornou habitual no Brasil até o início do século XX. [...] O molho dessas chaves era sempre mantido junto à cintura da sinhá, preso por uma argola, por questões de praticidade e segurança. Com o passar do tempo, agregaram-se outros objetos ao molho, como relógios, pequenas tesouras e toda a sorte de pequenos utensílios de uso cotidiano, além, é claro, de objetos devocionais como medalhas de santos” (CUNHA; MILZ, 2011: 122).



Figura 12: Ferramenta de Ogum: segundo a mitologia ioruba, Ogum criou diversas ferramentas – alavanca, machado, pá, enxada, picareta, espada e faca -, representadas agrupadas como um molho de objetos em uma nave. Fonte: CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Jóias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, p.120.

Estes objetos de intenção supostamente mágicos, geralmente eram usados na cintura, por ser a zona que marca a fertilidade e conseqüentemente por possuir um grande significado ritual religioso. A disposição na cintura dava-se por meio de argolas individuais ou tiras de couro ou ainda outros materiais, em que cada peça continha cerca de 20 a 50 objetos, possuindo uma leitura simbólica que eram intencionalmente organizadas para posteriormente ser ritualmente sacralizada e então serem usada nas ruas.

Nem todas as peças que compõe a penca são de origem africana ou afro-brasileira, pois alguns objetos como os santos e símbolos do catolicismo foram absorvidos e relidos, o que gerou um forte sincretismo aliado aos signos referentes à África, seu imaginário, orixás e superstições, adquirindo novos valores simbólicos.

Símbolos cristãos: a pomba ou os santos mártires ou todos os santos, como o galo, também representando a vigilância, a pomba do Espírito Santo, de asas abertas e a cruz feita com a cabeça e a cauda. São Jorge ou Oxocê, santo guerreiro e caçador, é representado pela lua, pela espada, pelo cão, pelo veado. São Jerônimo ou Xangô se representa pelo burro, pelo carneiro, pelo caju, o abacaxi e o milho. Santo Antonio, ou Ogum, pela faca, pelo porco. São Lázaro ou Omolu é representado pelo cão ou a fidelidade, e, às vezes, também pelo porco. São Cosme e São Damião se representam pela moringa d'água. Santo Isidoro ou Omolu moço (São Lázaro) contenta-se

Em Tempo de Histórias

com o boi. São Bartolomeu no culto 'caboclo' tem o sol. Sant'Ana, ou mestra da Virgem, Nanã, tem por símbolo a palmatória. Nossa Senhora da Conceição ou Oxum fica com as uvas. A ferradura é o signo da felicidade; o coração, da paixão, se tem chamus, paixão ardente; as mãos dadas, da amizade; a romã é a humanidade (Peixoto apud LODY, 2001: 54).

Portanto, o balangandã possuía um forte caráter religioso por ser um meio de permissão que as escravizadas declarassem sua religião oficial, mesmo que só aparentemente. Essa peça foi primeiramente identificada nos trajes das negras do “ganho” em praças públicas em Salvador no século XIX. Seu uso se deu principalmente entre as mulheres vendedoras que as usavam como protetores do dinheiro e do “ganho” e também no traje de beca das crioulas em dias festivos.

Considerações finais

As joias de crioulas afro-brasileiras são a materialização de uma das diversas formas de resistência ao regime escravocrata, que se manteve por mais de 300 anos vigente no Brasil. Tanto as joias quanto as vestimentas constituíram sinais exteriores da posição social dos indivíduos nos séculos XVIII e XIX. Portanto, foram elementos simbólicos que tornaram visível a hierarquia social. Também podemos afirmar que as joias, independente de qual período histórico, são suportes indicativos de individualidade e coletividade, de valores, de tradições, rituais, crenças, desenvolvimento tecnológico, entre outros, e por isso, são utilizadas tanto nas elites quanto pelas classes populares.

Sabemos que quando homens e mulheres foram arrancados de forma brutal da sua terra natal para serem escravizados em outros países, estes passaram por um processo de subtração de identidade étnica e conseqüentemente traziam a necessidade latente de reconstrução. De acordo com a tese das tradições inventadas, Hobsbawm (2002: 13) afirma que “houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins”. Dessa forma, a cultura objetificada negra no Brasil, neste caso as “joias de crioulas”, exerceram perfeitamente este papel, ao incorporarem elementos e códigos europeus do colonizador aliados à estética peculiar destas joias.

Logo, as joias para as crioulas afro-brasileiras facilitavam a circulação de símbolos que expressavam resistência ao regime a que eram submetidas, tornando-se subterfúgios para sobreviver na sociedade do Período Colonial Brasileiro. Em suma, podemos ressaltar alguns

de seus inúmeros significados: estratégia de ascensão social; sistema de créditos; devoções ocultas; herança de suas culturas e crenças de origem; poder e prestígio social; investimento e entesouramento; forte significado religioso e meio de proteção espiritual do corpo; símbolo da manutenção de sua cultura, mesmo que adaptada; preservação da autoestima; resistência à condição de mercadoria; reconstrução identitária; meio de conseguirem sua liberdade, entre outros.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Adriana Dantas Reis. *As mulheres negras por cima. O caso de Luzia jeje. Escravidão, família e mobilidade social*. 262f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2010.
- BITTENCOURT, Renata. *Modos de negra, modos de branca: o retrato “baiana” a imagem da mulher na arte do século XIX*. 182f. Dissertação (Mestrado em História da Arte e da Cultura) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. Ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- CORRÊA, Aureanice de Mello. *Territorialidade e Simbologia: o corpo como suporte sógnico, estratégia do processo identitário da Irmandade da Boa Morte*. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/13%20Aureanice%20de%20Mello%20Correa.pdf>> Acessado em: 18 de Agosto de 2010.
- CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Jóias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- FACTUM, Ana Beatriz Simon. *Joalheria escrava baiana: a construção histórica do design de jóias brasileiro*. 355f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, Design e Arquitetura, São Paulo, 2009.
- FARIA, Sheila de Castro. *Mulheres forras-riqueza e estigma social*. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167018237005>> Acessado em: 20 de Julho de 2013.
- GIL, Santiago Alcolea e colaboradores. *Artes Decorativas III: As artes decorativas aplicadas à indumentária e ao ornamento pessoal*. Rio de Janeiro: Edições Del Prado, 2006.
- GOLA, Eliana. *A jóia: história e design*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOUAISS. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=mucama&stype=k>> Acessado em: 10 de Novembro de 2012.
- JANUÁRIO, Erlaine Aparecida. *Jóias de adorno, como investimento e de devoção*. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h8_4.pdf> Acessado em: 19 de Agosto de 2010.
- LODY, Raul. *Jóias de axé: fios de conta e outros adornos do corpo a joalheria afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MAGTAZ, Mariana. *Joalheria Brasileira: do descobrimento ao século XX*. 1º Ed. São Paulo: Editora Mariana Magtaz, 2008.
- MOTT, Luiz. *De escravas à Senhoras*. Disponível em: <<http://www.ub.edu/afroamerica/EAV2/mott.pdf>> Acessado em: 18 de Setembro de 2012.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Maciel Henrique Carneiro da. *História social do trabalho e história das mulheres: percursos da historiografia brasileira*. Disponível em:

<<http://www.revistahistorien.com/05%20HIST%C3%93RIA%20SOCIAL%20DO%20TRABALHO%20E%20HIST%C3%93RIA%20DAS%20MULHERES%20PERCURSOS%20DA%20HISTORIOGRAFIA%20BRASILEIRA.pdf>> Acessado em: 20 de Julho de 2013.

SILVA, Simone Trindade Vicente da. *Jóias Crioulas*. São Paulo: Instituto Victor Brecheret, 2012 (Catálogo: Coleção Museu Carlos Costa Pinto).

STRICKLAND, Carol. *Arte Comentada: da pré-história ao pós-moderno*. Trad. Angela Lobo de Andrade. 13. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Artigos*. São Paulo: Corrupio, 1992.